



UFS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

SUELEN SANTOS COSTA

**O ANTICLERICALISMO NAS OBRAS DO CORDELISTA LEANDRO GOMES
DE BARROS DURANTE A PRIMEIRA REPÚBLICA (1889-1930)**

São Cristóvão – SE

2024

SUELEN SANTOS COSTA

O ANTICLERICALISMO NAS OBRAS DO CORDELISTA LEANDRO GOMES DE
BARROS DURANTE A PRIMEIRA REPÚBLICA (1889-1930)

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
História da Universidade Federal de
Sergipe como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em
História sob a orientação do Prof. Dr.
Claudefranklin Monteiro Santo e
coorientação do Prof. Dr. Marcos Silva.

São Cristóvão – SE

2024

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, tomando como o seguinte versículo bíblico, “Entrega o teu caminho ao Senhor; confia nele, e ele tudo fará.” (Salmos 37:8), destaco meu agradecimento a Deus, não apenas por ter me guiado através das tempestades acadêmicas, mas por me ter sustentado durante todo esse processo. Graças a Ele, consegui superar as adversidades da vida cotidiana e realizar o sonho de conseguir um diploma em uma Universidade Federal.

Não menos importante, quero salientar minha eterna gratidão a minha família, parte essencial para a realização dessa conquista, a qual, nunca descreditou do meu potencial e fizeram tudo que podiam para que eu conseguisse esse diploma, me apoiando financeiramente e psicologicamente nessa jornada. Agradeço aos meus pais, Amilton Santiago da Costa e Sandra Siqueira Santos, meus exemplos de vida, que mesmo não tendo terminado o ensino fundamental, desde cedo me ensinaram que a educação era o principal meio de mudar minha vida, e esse apoio foi decisivo para minha formação pessoal e acadêmica.

Agradeço aqui também, ao meu irmão André Renisson, meus sobrinhos Esther e Pedro, minha tia Maria de Lourdes e minha cunhada Karolina, que tanto me ajudaram e deram-me forças durante esse processo. Assim como, agradeço a assistência que recebi da amiga que fiz durante esses quatro anos e meio de graduação, Vanessa Silva Oliveira, graças a essas pessoas a minha caminhada tornou-se mais leve.

Por fim, e não menos importante, agradeço aos professores Claudefranklin Monteiro e Marcos Silva, os quais me orientaram nesse trabalho, a base de incentivo, compreensão e paciência. Ambos, foram essenciais para a construção desse trabalho, pois através de seus comentários e contribuições foi que conseguiram dar vida a essa pesquisa.

Obrigada a todos.

RESUMO

O anticlericalismo foi semeado a princípio na Europa contemporânea, mas situou-se e disseminou-se também no Brasil, em destaque no Nordeste. Nesse sentido, este artigo se propõe a analisar as reminiscências anticlericais presentes em algumas obras do grande cordelista paraibano, Leandro Gomes de Barros. Sobretudo, o conteúdo do discurso anticlerical difundido em suas obras. Para tanto, serão examinadas as seguintes fontes privilegiadas, no caso, os consequentes cordéis: *História do Padre Jogador (1910)* ; *Antônio Silvino: O Rei dos Cangaceiros (1927)*. Através da leitura e análise dessas obras, entenderemos como aconteceu esse movimento anticlerical durante a primeira república nas obras de Barros, no qual, ele expôs seu juízo de valor sobre a igreja católica através de uma linguagem artística e de fácil compreensão para a sociedade sertaneja.

Palavras-chave: Anticlericalismo; Literatura de Cordel; Igreja Católica; Religiosidade Sertaneja.

ABSTRACT

Anticlericalism was initially sown in contemporary Europe, but it also spread to Brazil, especially in the northeast. In this sense, this article aims to analyze the anticlerical reminiscences present in some works of the great poet from Paraíba, Leandro Gomes de Barros. Above all, the content of the anticlerical discourse disseminated in his works. To this end, the following privileged sources will be examined, in this case, the resulting cordels: *História do Padre Jogador (History of the Player Priest, 1910)*; *Antônio Silvino: O Rei dos Cangaceiros (Antônio Silvino: the king of the bandits, 1927)*. Through the reading and analysis of these works, we will understand how this anticlerical movement took place during the first republic in Barros' works, in which he expressed his value judgment on the Catholic Church through an artistic language that was easy for the backlands society to understand.

Keywords: Anticlericalism; Literature of twine; Catholic church; Country religiosity.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. APRESENTAÇÃO | 6 |
| 2. DESENVOLVIMENTO | 11 |
| 2.1 Igreja Católica no Sertão Nordestino: Relação de Barros com a Igreja. | 11 |
| 2.2. “História do Padre Jogador” e “Antônio Silvino: O Rei dos Cangaceiros”: Análise do anticlericalismo nas obras de Barros. | 17 |
| 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 20 |
| 4. REFERÊNCIAS | 21 |
| 5. FONTES | 24 |

1. APRESENTAÇÃO

Em março de 2024, completou-se 106 anos da morte do cordelista paraibano Leandro Gomes de Barros (1865-1918). Poeta emblemático da literatura brasileira, responsável pelo início e consolidação da literatura de cordel no Brasil, entre o final do século XIX e início do XX. Barros, nasceu no interior da Paraíba, em novembro de 1865, na cidade de Pombal. Mas viveu boa parte de sua vida – até sua morte – em Recife, lugar onde desabrochou seu talento e elaborou grande parte de suas obras, devido à gama de conhecimento e inspiração existente nesse local.

Grande parte do seu repertório sociocultural se deve ao tempo que conviveu com seu tio, o Padre Vicente Xavier¹, responsável por parte da sua alfabetização. Na residência do Padre, existia uma biblioteca rica em conhecimento histórico, geográfico e mitológico, além de textos religiosos como as *Escrituras Sagradas e a História de Carlos Magno e os Doze Pares de França*. (VIANNA, 2014). Esse ambiente propício, contribuiu para que o autor produzisse poemas curtos, cuja maioria eram poemas humorísticos e satíricos, com temas que abordavam o cotidiano político, social, econômico e religioso da época.

Barros (1865-1918), passou boa parte de sua infância e adolescência na Vila de Teixeira, berço dos grandes repentistas, poetas, violeiros e cantadores do passado, como Francisco Romano Caluête² e o famoso glosador Agostinho Nunes da Costa³. Essa Vila foi fundamental para sua formação, pois além de desenvolver sua criatividade literária, ele construiu um esquema inédito de distribuição e comercialização de folhetos, o qual deu início ao movimento editorial do cordel brasileiro. Esse mercado tornou-se promissor, devido ao fato de o folheto de cordel ser uma das únicas fontes de informação e entretenimento, que atravessava as infindáveis léguas de vilarejos e pequenas cidades do interior do Nordeste.

Cabe mencionar neste trabalho, que apesar desses grandes feitos, os escritores brasileiros não deram o merecido crédito ao seu trabalho, pois o mesmo não era letrado.

¹ O Padre Vicente Xavier de Farias, além de religioso e professor de Latim e Humanidades, foi um líder político influente, chegando a eleger-se deputado no período da Monarquia. (VIANNA, 2014, p. 37).

² Conhecido também como Romano da Mãe d'Água e Romano do Teixeira. Nasceu em 1840 e faleceu em 1891. Teria cerca de 30 anos por ocasião da cantoria e era considerado, então, o maior poeta-cantador do sertão da Paraíba.

³ O primeiro cantador de viola do Brasil. Foi um judeu que morou em Recife nas primeiras décadas do século XIII. Cristão novo, ele foi perseguido e foi morar na cidade de Teixeira, na Paraíba.

Somente em 2018, cem anos após sua morte, a literatura de cordel foi reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro pelo Conselho Consultivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), e respectivamente, Barros como “O pai da literatura de cordel”.

A carreira de Barros se consolidou no contexto da primeira República brasileira. Período no qual houve uma tentativa de reaproximação política orquestrada pelo catolicismo para não perder contato com o poder e continuar assim, a influenciar na formação do brasileiro como ocorria desde a colonização do Brasil. Sendo assim, no entendimento da historiografia tradicional, a grande parcela da população brasileira, analfabeta e despolitizada, teria permanecido sob influência da oratória dos políticos, da igreja, das oligarquias e dos coronéis (MARQUES, 2011).

No que diz respeito ao domínio dos Coronéis durante o período republicano, pode-se afirmar que a Igreja sempre esteve presente nessa estrutura do coronelismo⁴. Essa relação, era baseada na seguinte forma: Dou-lhe meu patrocínio e dê-me teu apoio, (NASCIMENTO, 2004, p. 65), ou seja, os coronéis doavam terras para Igreja em troca de benefícios políticos. Esse sistema deu certo, isso porque o povo sertanejo depositava na figura do Padre uma irrestrita confiança. O qual ocupava uma posição de liderança, à frente das paróquias, orientando a população humilde e iletrada sobre assuntos tanto espirituais, quanto político-sociais. A atuação do clero não foi somente na liderança de paróquias, mas como figuras políticas – os padres coronéis–, a exemplo o Padre Cícero⁵.

Durante esse processo republicano, no local em que Barros residia, no caso, em Recife, tal influência da instituição católica era notória, pois a mesma, teria se unido à elite em prol preservação da família conservadora⁶, já que essa ideia de modernidade estava atrelada ao crescimento da imoralidade e desvalorização da família. Essa aliança pretendia delimitar seus espaços sociais e estabelecer seus próprios modelos de comportamento e de família, pois os modelos serviam para legitimar a desigualdade, ou melhor, criar referências que as distinguissem do restante da população (PEDRO, 2004,

⁴ Prática sociopolítica brasileira desenvolvida no início do século XX. A qual permitiu o fortalecimento das oligarquias.

⁵ Nascido em 1844 no estado do Ceará. Foi um chefe eleitoral bastante reconhecido, que conseguiu galgar altas posições: chegou a ser por dez anos prefeito da cidade de Juazeiro, deputado federal, vice-presidente e chefiou uma revolução vitoriosa que derrubou o presidente do Estado (NASCIMENTO, 2004, P. 66). Viveu uma vida de devoção ao serviço pastoral, principalmente na cidade de Juazeiro do Norte, onde fundou escolas e hospitais.

⁶ Perspectiva de família baseada no modelo patriarcal. Este modelo se caracteriza pelo homem sendo o principal representante, juntamente com sua mulher e seus filhos (CARVALHO, 2002).

278-321). A modernidade vivida pela população recifense, tal como o catolicismo efetuado por este mesmo fragmento apoiava-se mutuamente com intuito de organizar e controlar a sociedade.

Nas primeiras décadas do século XX, na capital pernambucana, umas das formas que a Igreja encontrou de manter o bem-estar social foi aumentando os incentivos para a formação de diversas associações religiosas nas paróquias da cidade de Recife. Contribuindo para a propagação e difusão dos conceitos éticos e morais da Igreja Católica, atingindo assim, grandes massas populares e também elites sociais e culturais. Essa esfera social era estimulada a comparecer às missas, realizar leituras religiosas, e a cumprirem estritamente seus deveres morais e éticos com o próximo.

Nas produções satíricas produzidas por Leandro Gomes de Barros, percebe-se uma discordância com os ideais religiosos e políticos vigentes na época. Pois, as mesmas caracterizaram-se por uma forte reação à República e a tudo que ela representava naquele momento da história do país, mas, sobretudo, por ter tentado revelar ao público iletrado e despolitizado do Nordeste informações tanto do Estado, quanto da Igreja. Sobre isso, o autor em seu cordel “*O povo na cruz*” (BARROS, 1907, p. 2), menciona:

E grita vá o imposto
Morra quem estiver doente
Morrem cem,nascem dez mil,
O Brazil tem muita gente [...]
O Brazil hoje só presta,
Para inglez,padre e soldado
Médicos, feiticeiros e brabos,
O mais vive acabrunhado,
De forma que fica o mundo,
Por estes só situado.

É nesse contexto, que surge o sentimento anticlerical em suas produções. O anticlericalismo surgiu teoricamente na França no ano de 1850, na tentativa de desfazer a imagem pejorativa que o Clero tinha sobre a ideologia da razão e do progresso. Nessa perspectiva, a Igreja Católica viu seu poder ser reduzido de forma radical, tanto na esfera política quanto na esfera da vida privada, e foi amplamente atacada por grupos anticlericais.

Esse período foi composto por entidades carregadas pelo espírito dos tempos modernos, como foi, por exemplo, a maçonaria.⁷ As explicações desses movimentos anticlericais do fim do século XIX e início do século XX levam em consideração a crise de identidade de uma Igreja que era atacada em todo o mundo, e que no Brasil, por conta da República, via a necessidade de manter seu poder de tutela junto ao Estado.

Esse movimento adotou várias facetas ao longo do tempo. Desde críticas reformistas aos clérigos, críticas protestantes ao catolicismo luso-brasileiro, a críticas políticas da relação Igreja-Estado. Ou seja, o anticlericalismo republicano não foi homogêneo, estruturou-se de diferentes formas em diferentes regiões, a partir das suas diversidades e particularidades. Por exemplo, na região do Rio Grande do Sul aliou-se às sólidas tradições regionais, fazendo com que membros eclesiásticos ocupassem cargos políticos. Já no Nordeste, para além dessas características, estava marcadamente assentada no antagonismo, ora dos clérigos para com as doutrinas que pregam, ora dos anticlericais na questão ideário *versus* ação.

Nessa fase, o espírito anticlerical que teve seu apogeu no século XIX. Utilizou dos diversos meios de comunicação aprimorados pelo espírito de modernidade mencionado anteriormente, para propagar seus ideais e criticar ou até mesmo censurar opiniões divergentes. Como fez em certos jornais nordestinos, acusando que os mesmos cediam suas colunas para a divulgação de conteúdos maçônicos, protestantes e espíritas, assim como, conteúdos relacionados ao liberalismo, positivismo, anarquismo, protestantismo e espiritismo. A exemplo, a seguinte publicação pelo Jornal A Imprensa Catholica da Paraíba de 1899:

Fingir e mentir, contanto que ninguém saiba. Se alguém te prejudica, esteja pronto o sicário para matá-lo, seja com a língua ou com o ferro, seja contanto que ninguém saiba. Se vês que alguém avantajá-lo e prospera contra a tua vontade, faz que ele gema na abjeção e na miséria, contanto que ninguém saiba. Nenhuma religião te ligue a mente. Se Deus existe, está longe, e se não existe, não se deve temê-lo, por isso seja permitido tudo o que agrada contanto que ninguém saiba. Jura e perjura, mas não revelas nunca o segredo. (AEPB - A IMPRENSA, 27. 08. 1899).

⁷ Sociedade discreta, cujo lema é Liberdade, Igualdade e Fraternidade. No Brasil há notícias da existência de maçons desde fins do século XVIII.

Entretanto, nesta pesquisa, interessa-nos como o sentimento anticlerical foi trabalhado nas obras de Leandro Gomes de Barros durante a primeira república. Em relação a isso, os cordéis tomados como fontes, trabalham bem o olhar anticlerical do autor, assim como a população sertaneja descrevia e lamentava esses abusos. Essas questões foram desenvolvidas em seus cordéis na maioria das vezes em de forma humorística e satírica, com uma linguagem coloquial e repleta de termos nordestinos que facilitou a compreensão da população sobre a manipulação que essa instituição religiosa praticava.

Para a produção desse projeto, as fontes escolhidas percorrem, principalmente, o campo da Literatura de Cordel, da qual foram selecionados dois cordéis específicos de Leandro Gomes de Barros. O primeiro trata-se do *História do Padre Jogador* escrito no ano de 1910, o qual expõe a ambição de um Padre, que praticava sermões sobre a proibição de jogos de azar e apostas, mas que no oculto participava desse meio de entretenimento, fazendo uso da sua posição de eclesiástico para manipular seus adversários, com a desculpa de que era pecado ganhar dinheiro de um servo de Deus, conseguindo assim, usurpar aquela população.

A segunda fonte é o cordel *Antônio Silvino: O Rei dos Cangaceiros*, publicado em 1915. Essa obra aborda características semelhantes ao primeiro, mas na perspectiva das lamentações da população. Sendo assim, este cordel vai trabalhar com visão dos habitantes e seus relatos sobre a vida de luxo levada pelo alto clero sustentada pelo dízimo extraído do povo, e como esses fatores os prejudicam fisicamente, psicologicamente e financeiramente. Pois segundo os mesmos, era cobrado até para rezar o Pai Nosso.

Para além disso, a presente pesquisa, se enquadra no âmbito da História Cultural, como a que encontramos no pensamento de Roger Chartier (1988) acerca da representação e da prática social enquanto polos de articulação da cultura e do mundo social. Em seu texto “*A história cultural entre práticas e representações*” (1988), Chartier vai trabalhar com o sentido de uma história da cultura que não se limita a analisar apenas a produção cultural literária e artística oficialmente reconhecida, ou seja, ele interessa-se, por exemplo, pelas transferências entre a cultura oral e cultura escrita, mostrando como indivíduos não-letrados podem participar da cultura letrada através de práticas culturais diversas. No caso desta pesquisa, destaca-se a literatura de cordel. De fato, a história cultural, tal como a entende o historiador francês: (...) *tem por principal*

objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade cultural é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 17).

É nesse âmbito cultural que relaciono esse trabalho, visto que a literatura popular de cordel foi utilizada durante muito tempo como um importante veículo de comunicação de massa, já que era consumido por um segmento social específico, possuía formato editorial barato em que os leitores/cidadãos se atualizam dos acontecimentos e eventos da sociedade a partir das histórias, então o intuito destas narrativas era não só divertir, mas também informá-los.

Com isso, fez-nos entender que o cordel, particularmente o de Leandro Gomes de Barros, não tinha só a finalidade de diversão, havia em suas narrativas também a preocupação deste autor de informar, deixar os seus leitores em sintonia aos fatos que rondavam a região e o país.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Igreja Católica no Sertão Nordestino: Relação de Barros com a Igreja.

No período de transição e ruptura política entre Igreja e Estado, houve uma tentativa de fortalecer a elo de ambos, através do processo de romanização⁸. Isso gerou incentivo a vinda de religiosos estrangeiros para promover aqui no Brasil uma evangelização de acordo com o que pregava a Igreja Oficial. Segundo o autor Abruzio, a intenção era educar o povo, que na visão da Igreja, era ‘ignorante e inculto’. As crenças, orações e devoções populares se expressavam através das romarias, procissões e promessas e, até mesmo de grandes festas, como no caso das festas dos santos. São Pedro, São João Batista e Santo Antônio são exemplos. As novas devoções tinham uma base mais sacramental, expressão na visão da Igreja, de fé verdadeira (2008, p. 33).

É correto afirmar que os sertanejos se valiam da sua religiosidade, encontrando nela o apoio de que necessitavam para amenizar o sofrimento, causado, dentre outros motivos, pela desigualdade social, pelo abandono por parte do governo e muitas vezes da própria Igreja. Sobre essas dificuldades, Barros mencionou sua insatisfação com tais

⁸ O processo de romanização, de forma simplificada, caracteriza-se “por uma aproximação da Igreja de Roma, sendo que fortes vínculos foram estabelecidos entre os bispos atuantes no Brasil e Roma” (ABRUZIO, 2008, p. 31).

más administrações em “Nunca vi tanto imposto em um país como o nosso, que cobra até de quem reza o Pai Nosso” (BARROS, 1915, p. 12).

Na prática, o sertanejo moldou o catolicismo à sua maneira, como a implementação do misticismo. Em suma, o Clero não teve sucesso em seu objetivo de combater tais práticas religiosas, pelo menos não no sertão nordestino. Sobre este fato, Abrúzio explica que “(...) *no sertão nordestino distante dos centros urbanos, o contato do povo com a Igreja Oficial era pequeno. Só lentamente, as exigências da romanização chegaram por lá. Acrescenta-se, ainda, a escassez de padres nessas regiões*” (2008, p. 33).

Além disso, como para a Igreja, cada novo devoto deveria aprender a exercer os termos considerados corretos, efetuar um modo de portar-se, ou seja, ajustar suas experiências pessoais ao conjunto de crenças conservadas coletivamente. Uma maneira encontrada pelos sertanejos foi justamente burlar as determinações religiosas e produzir sua própria interpretação religiosa, social ou política dentro da instituição da qual faz parte. A vivência religiosa ultrapassa a instituição e dentro destas os sujeitos fazem usos de suas táticas e estratégias para burlarem a imposição de poder (CERTEAU, 1998, p. 196).

Na capital pernambucana, essa instituição religiosa aderiu a várias facetas na Primeira República, como arranjos políticos, as relações de parentela para conseguir e permanecer no poder e até mesmo o uso da violência como demonstração de força. Além disso, a separação entre Igreja e Estado também foi marcada pela laicização e romanização, passando pelas querelas entre Igreja, Maçonaria, Protestantes e Espíritas.

Na mesma região, devido ao espírito de modernidade ali implementado, dita pelo eclesiástico como principal responsável pelo crescimento da imoralidade e da destruição da família, tanto o discurso do clero quanto o do laicato mais intelectualizado davam ênfase à preservação dos valores familiares. Na matéria *A Família*, publicada em 1910, no jornal *A Família*⁹, notamos a preocupação do autor em demonstrar a importância da preservação dos valores familiares, para o bem-estar da sociedade, pois, na organização da família, nas garantias com que a cercam as leis, é que residem, em

⁹ Esse jornal era um órgão independente e tinha como subtítulo “órgão literário, noticioso e evolucionista”. A sua publicação era quase que exclusivamente dedicada a matérias em defesa da família tradicional e críticas às novidades da belle époque na capital pernambucana.

síntese, a moral social e a moral philosophica (A FAMÍLIA, in: A FAMÍLIA, 1910, p. 01).

Restringir as ações públicas, os movimentos dos fiéis, homens ou mulheres, dar-lhes um espaço privilegiado de ação dentro do raio de observação da Igreja, através de seus dogmas; uma liberdade vigiada para evitar a deblaclè¹⁰ da sociedade pela sedução da vida moderna.

Um dos meios encontrados para realizar tais atos foi o aumento dos incentivos para a formação de diversas associações religiosas nas paróquias da cidade do Recife. Neste processo, os párocos contaram com o apoio de periódicos católicos, como o jornal *Tribuna Religiosa*¹¹, que, em um artigo intitulado *Associações* (1912) revela os principais pretextos usados pelo clero para explicar a formação de novas associações:

Associar, reunir, congregar almas, cheias de fé e zelo, para o bem, para ensinar o reino de Deus é sem dúvida uma das mais bellas e fecundas formas do apostolado christão. O bem inestimável que as associações têm prestado à Igreja, é um argumento potente em favor da utilidade e necessidade desses núcleos de ação religiosa. A ação individual jamais terá o raio da atividade colectiva bem orientada e permanente. Nos últimos tempos se tem propagado por toda parte esse espírito associativo como arma de propaganda e combate. [...] Nos nossos meios religiosos abundam as associações para senhoras. Longe de nós esconder o fulgor religioso que se irradia dessas legiões de virtude que tanto bem fazem em nossas paróquias (ASSOCIAÇÕES, in: TRIBUNA Religiosa, 1912, p. 01).

Entre as associações católicas destinadas ao público masculino, existentes nas paróquias do Recife, durante o período compreendido entre 1889-1930, encontramos: Círculo Católico de Pernambuco, Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica, Sociedade São Vicente de Paulo, União Católica de Operários e União de Moços Católicos. E entre as associações católicas destinadas ao público feminino, existentes nas paróquias do Recife, durante o período que estamos analisando, encontramos: Apostolado da Oração, Mães Cristãs, Pia União das Filhas de Maria, Coração Eucarístico, Senhoras de Caridade, Doutrina Cristã, Associação do Rosário e

¹⁰ Termo francês, usado em referência a um desmoronamento, uma calamidade, um desastre ou uma catástrofe.

¹¹ Esse jornal pertencia à Igreja Católica, tinha como subtítulo “Órgão oficial da Archidiocese de Olinda”, as suas publicações eram dedicadas a propagar a imagem do clero, a doutrina, a fé, a ética, a moral e as normas católicas no Estado de Pernambuco.

Associação de Nossa Senhora das Vitórias. Ficando perceptível, a tentativa dessa instituição de manter a vigilância da população sertaneja.

A seca, mencionada anteriormente, teria sido um dos motivos pelo qual Leandro Gomes de Barros migraria para Recife. Cidade que vivenciava o espírito de modernidade advindo das transformações econômicas e sociais do século XX, e, cujas ideias principais eram “progresso, evolução, liberdade, democracia, ciência e técnica” (PAZ, 1993, p. 34). Nele a:

(...) civilização e modernidade converteram-se em palavras de ordem; viraram instrumentos de batalha, além de fotografias de um ideal alentado. O Brasil entrava no novo século XX tão confiante como as demais nações: nada como imaginar que seria possível domesticar o futuro, prever e impedir flutuações. Sem dúvida esse é um tempo que apostou em verdades absolutas, em normas morais rígidas, na resolução de todos os imponderáveis, e fixou-se em modelos que distinguiam, de forma insofismável, o certo do errado (COSTA, 2000, p. 13-14).

Essa perspectiva de modernidade, presente na região da capital do estado de Pernambuco, Leandro Gomes de Barros percebe e relata em seus cordéis. Principalmente sobre a mudanças como a influência dos meios de comunicação social sobre a população, oferecendo maiores oportunidades de lazer, através, novos espaços de trabalho, através das fábricas e do setor de serviços e a melhoria do espaço público, as inovações e transformações. Assim, ele comenta

Há quem diga assim mesmo
Que o século é civilizado
Eu para fazer favor
Não falo fico calado
Ele tem lua como as noites
Sem lua em tempo turbado.

(BARROS, 1914, p. 1)

Analisando as narrativas escritas nas obras do autor, percebemos relatos do cotidiano árduo por ele vivido nos seus primeiros anos em Recife. Suas viagens para vender folhetos, as hospedagens em locais do nordeste, falta de oportunidade e a falta de dinheiro para sustentar-se. Em seu cordel *O Cometa* publicado em 1910 relata o seguinte:

Chego em casa muito triste
Achei a mulher trombuda,

Perguntei: filha, o que tem?
 Respondeu-me, carrancuda:
 Ora a 18 de Maio,
 O mundo velho muda.
 Perguntei: tem jantar pronto?
 Venho com fome e cansado,
 Desde ontem, responde-me,
 Que o fogão está apagado,
 Devido a esse cometa
 Não querem vender fiado
 [...]
 Fui falar um fiadinho,
 Que eu estava de olho fundo,
 O marinheiro me disse:
 Já por ali, vagabundo.
 Eu disse: venda Seu Zé
 Que eu pago no outro mundo.
 (BARROS, 1910, p. 3-4)

Acrescentando trechos sobre a perspectiva do autor em relação às dificuldades encontra na cidade de Recife, menciono:

Fui eu e disse ao Padre Cícero
 Meu padrinho estou assombrado
 Fui agora no Recife
 Ou que lugar assombrado
 Fui ao inferno e lá vi
 O diabo abotoado.
 (BARROS, 1911, p. 7)

Para além dos relatos de sua vida cotidiana, o autor aborda em seus cordéis debates religiosos. A imagem da igreja, Deus, o Diabo e de vários santos são constantemente apresentados em sua literatura, mostrando que ele foi um adepto do catolicismo, mas do catolicismo ortodoxo, e sim, do sertanejo. Em seu cordel *A batalha de Ferrabraz com oliveiros*, ele fala:

Deixe estes ídolos que adora
 Creia na virgem Maria
 Creia em um Deus que nos cria
 Julga tudo em uma hora,
 Bote estas ilusões fora,
 Que o demônio não lhe pise
 Peça a Jesus que o avise,
 Abrace a religião
 Peça da culpa perdão
 Creia em Deus e se batize.
 (BARROS, 1879, p. 33)

A relação de Barros com a Igreja, a qual, caracterizou-se como um vínculo de proximidade e discordância. Nela, é possível afirmar que, o tempo que residiu com seu tio contribuiu para sua educação religiosa. Além disso, ficou perceptível que a própria Igreja era uma instituição de poder, com forte intervenção e ligação política, assim como com um enorme peso econômico.

Antagônico a tais realidades, será abordado posteriormente que Barros — assim como os anarquistas brasileiros, os quais criticavam a religião através de discursos racionais e fundaram escolas racionalistas para combater a presença da Igreja no campo da educação e da formação de crianças e jovens — através de seus folhetos, combatia a convicção de que a Igreja era detentora da verdade suprema. Fazia isso, através da análise da postura de alguns sacerdotes, os quais deveriam ser exemplo, mas na prática levantavam muitos falsos testemunhos e bebiam aguardente (BARROS, 1910, p. 8).

2.2. “História do Padre Jogador” e “Antônio Silvino: O Rei dos Cangaceiros”: Análise do anticlericalismo nas obras de Barros.

Nossa santa doutrina
 Todo preconceito tem
 E a Igreja não quer
 Que nos ofenda ninguém,
 Porém se o galo não foge
 Era vendido também.

(BARROS, 1917-18, p. 8)

Nesta parte do artigo, interessa-nos analisar as fontes selecionadas para assimilar como de fato o literário estudado, dissemina em seus cordéis opiniões contrárias ao que ele entendia como abuso por parte do clero e manipulação ideológica da sociedade sertaneja. E compreender que pela propagação de seus cordéis no nordeste brasileiro, pode-se perceber a contribuição desta linguagem popular para a construção da imagem de um clérigo que perdeu suas ordens religiosas, como um homem divino. Vale destacar que tais informações não abalou a fé e o respeito que os devotos tinham na Igreja na época, mas foram tidas como sinônimo de coragem por parte de Barros.

Ao estudar a produção do poeta, encontramos tanto a valorização e defesa em favor da conduta de alguns religiosos, considerados santos, e de atitude e moral

irrepreensível, como também caracterizações que enquadraram os membros do clero católico como interesseiros, gananciosos, ou seja, portadores de valores diferentes daqueles por eles mesmos pregados. Sobre isso, no cordel *O Padre Jogador (1910)*, o autor expõe um reverendo que deixa de exercer suas obrigações eclesásticas para praticar determinados jogos de azar, considerados pela Igreja, um pecado mundano. Ele diz o seguinte:

E não saia do jogo,
Enquanto viu um vintém,
Dizia: Eu da confissão,
Jamais ganhei um xexéu,
Não deixo o meu interesse,
Para confessar ninguém.

(BARROS, 1910, p 2-3)

Nos versos recortados, percebemos que o escritor, ao narrar as atitudes do personagem, enfatiza seu distanciamento de obrigações que considerava pertinentes ao exercício religioso da fé católica, e afirma valores para seus leitores acerca das práticas cotidianas que não se resumem especificamente a essa religião. Isso pode ser notado, no trecho do mesmo cordel mencionado acima, quando o autor afirma que tal padre era até um bom conselheiro, mas que tinha dois defeitos, jogar e ser estradeiro (BARROS, 1910, p. 7).

Além dessas opiniões, o cordelista estudava também os indivíduos que colocavam em primeiro plano as virtudes de sujeito temente a Deus devido ao medo de seu julgamento, da sua ira e da imagem maléfica do Diabo. Ele compara a imagem do diabo como um desastre que persegue a simpatia, um ser tirano, que possui o corpo das pessoas para enganá-los (BARROS, 1910). Sobre a devoção a Deus, no cordel *Esperança do pobre (1957)*, o literário escreve:

Dizem os padres que esmola
Bota no céu velho e moço [...]
Ouvir missa é devoção,
A missa, terço, novena,
Pode-se ganhar a palma.

(BARROS, 1957, p. 14)

Um dos motivos mais recorrentes para tais preces, era que no sertão nordestino, as secas que *consistem* em uma das principais características dessa terra, e eram interpretadas nos folhetos através de um viés religioso, onde a única alternativa

cabível para o sertanejo é rogar aos céus e pedir proteção divina. Como em “Seca a terra e as folhas caem, morre o gado e povo sai [...] visa o aspecto da morte” (BARROS, 1920, p 37-38). As desigualdades encontradas no sertão brasileiro forçaram muitos nordestinos a abandonarem sua terra natal e encontrarem no próprio cordel, o prazer que a poesia proporciona.

A propósito, o fator de destaque é que Barros, mesmo praticante do catolicismo, por influência da educação do seu tio Padre, o qual se preocupa em evidenciar e divulgar essa doutrina religiosa, fazia severas críticas ao cinismo da Igreja em seus cordéis. Os mais recorrentes eram, abusos físicos e psicológicos, extorsão de dinheiro e falso testemunho. Nesse sentido, Barros diz o seguinte:

Nos sermões ele dizia,
Maldito é o jogador,
Que for jogar com um padre,
E ganhar seja o que for
E' um pecado ganhar
Do ministro do senhor [...]
Quando ele estava no jogo,
A ninguém dava atenção,
Ainda que alguém chamasse,
Para uma confissão.

(BARROS, 1910, p 2-3).

Nesse mesmo viés da falta de moralidade desses membros, o autor escreve:

Ele tinha mais umas falhas,
Levanta muitos falsos,
Bebia muita aguardente,
Para insultar os vizinhos,
Era um cachorro doente.

(BARROS, 1910, p. 8).

Essa corrupção financeira e ética acontecia em boa parte do clero, segundo o escritor “*Só nos falta ver agora boas ações do diabo e um padre sem interesse*” (1914-18). A Igreja Católica já chegou a ser vista como não só uma das mantenedoras da exploração do capital, mas de informações também, já que a mesma se valia do baixo índice de alfabetização e conhecimento da população sertaneja, para aplicar crenças que pudessem substituir as devoções populares que se faziam presentes no sertão. Pois a

alfabetização desse povo dificultaria o sucesso da retórica de superstição impingida por eles.

Ainda nessa perspectiva de Barros, na qual os padres e bispos eram enxergados como determinadas criaturas parasitárias cuja única função era entorpecer a população com a religião, mantendo assim a exploração capitalista e escravidão moral da classe sertaneja. Ele relata em seu cordel *Antônio Silvino: O Rei dos Cangaceiros (1927)*, a figura de um eclesiástico com o nome de Custódio, que era ambicioso e interesseiro, o que teria enterrado uma fortuna em seu quintal, mas jurava para qualquer um não ter enterrado dinheiro (BARROS, 1927, p. 7).

Analisando esse mesmo cordel, percebe-se que tais membros do clero pautaram suas condutas criminosas de forma lógica, cuja finalidade era a obtenção de lucros, ao ponto de conseguir convencer a população sobre seus atos. Essas questões, se concretizaram ideologicamente na mentalidade de Barros, através do sentimento de decepção com essa unidade religiosa que por muito tempo - durante o período que morou com seu tio - ele teve como exemplo. Por sinal, o escritor comenta:

Eu sempre gostei de padre
Tenho agora desgostado[...]
Viaja sem o missal,
Mas leva o rifle encostado [...]
Em vez de estudar o meio
Para nos aconselhar.

(BARROS, 1927, p. 9).

Nesse contexto, fica evidente que o poeta utilizava suas histórias, que por sinal carregavam um tom bem humorado, para chamar a atenção de seus leitores e apontar o descontentamento com a péssima administração de determinados órgãos em sua região. Dentre elas, as narrativas sobre as cobranças por serviços religiosos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tentativa de contestar os abusos dessa instituição religiosa, Leandro Gomes de Barros por meio de seus cordéis empenhou-se em um embate contra os princípios clericais, caracterizando-os de maneira negativa em relação a convicção que grande parte da população tinha, já que a temática religião/fé influenciava e ditava a população

através do temor a um ser supremo que poderia os castigar. Além disso, esses folhetos da literatura popular serviram como importante veículo de informação e comunicação em massa, justamente por possuírem um formato editorial barato e serem consumidas por uma parcela específica da sociedade, no caso, a população sertaneja desprovida financeiramente.

Diante disso, Barros vai descrever e relatar que os “representantes da fé” assumiram atitudes suspeitas, interesseiras e gananciosas, e isso, vai se disseminar através de seus cordéis. O poeta Leandro Gomes de Barros serviu de guia para acompanharmos alguns setores da sociedade que viviam, liam, escreviam, ouviam e colocavam seus medos, utopias, sentimentos e visão de mundo, sobre a cidade recifense do início do século XX. O qual, produziu um meio de comunicação muito acessado na época, pelo seu baixo custo e por sua linguagem coloquial, se tornando uma excelente e propícia ferramenta de pressão social por meio de seu discurso.

4. REFERÊNCIAS

A FAMÍLIA. In: A Família. **Órgão literário, noticioso e evolucionista**. Recife, ano I, n. 01, p. 01, 01 dez. 1910.

ABREU, Adélio Fernando. **Igreja católica e a primeira república**. Humanística e Teologia, 2010.

ABREU, Marcia Azevedo de. **Cordel português/folhetos nordestinos: confrontos – um estudo histórico-comparativo**. Tese (Doutorado em Teoria Literária), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

ABRUZIO, Ulisses. **A ação Pastoral de Padre Cícero a partir dos sertanejos: Fé e Vida**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: PUC, 2008.

AQUINO, Maurício de. **A Igreja Católica na Primeira República Brasileira (1889-1930): laicidade pragmática, diocesanização, congregações religiosas**. In: CARREIRO, Gamaliel Silva; SANTOS, Lyndon de Araújo; FERRETTI, Sérgio Figueiredo; SANTOS, Thiago Lima de. (Org.). **TODAS AS ÁGUAS VÃO PARA O MAR: PODER, CULTURA E DEVOÇÃO NAS RELIGIÕES**. São Luís: EDUFMA - Editora da Universidade Federal do Maranhão, 2013, p. 119-142.

ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. **Recife, Culturas e Confrontos: As camadas urbanas na Campanha Salvacionista de 1911**. Natal: EDUFRN, Editora da UFRN, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo, HUCITEC; Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **O movimento de Juazeiro do Norte Padre Cícero e o fenômeno do Caldeirão**. In: SOUZA, Simone de (Coord.). **História do Ceará**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará / Fundação Demócrito Rocha / Stylus Comunicações, 1989.

BORTOLUCI, José Henrique. **Formas e Categorias do pensar eurocêntrico**. Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, v. 5, p. 170-201, 2008.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na idade Moderna**. São Paulo: Cia das letras, 1989.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CARVALHO, M. C. B. de. **A família contemporânea em debate**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2005, p.5-21.

CASCUDO, Luís da C. **Vaqueiros e cantadores**. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1968.

CERTEAU, Michel de. A beleza do morto In: **A cultura no plural**. Tradução Enid Abreu Dobrânszky. Campinas, SP: Papirus, 1995.

CHARTIER, Roger. “**Cultura Popular**”: revisitando um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, p. 184, 1993.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

- CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- COSTA, Ângela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. 1890-1914: **No tempo das certezas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 176p.
- CURRAN, Mark J. **História do Brasil em Cordel**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- DE LACERDA, Erasmo Peixoto. **O cordel de Leandro Gomes de Barros: um retirante na capital pernambucana, um poeta entre dois mundos**. *Fronteiras*, v. 24, n. 43, p. 107-125, 2022.
- DUARTE, Ricardo Diogo Mainsel. **Violência anticlerical na I república (1910-1917): perspectivas antropológicas e historiográficas**. Dissertação de Mestrado em Antropologia, 2011.
- MARQUES, Francisco Cláudio Alves. **O poeta popular Leandro Gomes de Barros e a sátira ao discurso Burguês-militarista no contexto da primeira república**. *Revista de pós-graduação em Letras*. Vol. 9, jan. /jun. 2011
- MARTINS, Pablo dos Santos. **O anticlericalismo anarquista: Durante a primeira república brasileira (1899-1920)**. Artigo, 2018.
- MAYA, Ivone da Silva Ramos. **O poeta de cordel e a primeira república: a voz visível do popular**. Rio de Janeiro: FVG/ CPDOC/Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais, 2006.
- NASCIMENTO, Oscalina Maria de Jesus. **O modernismo local e a legitimação de sua hegemonia pela Igreja Católica em Bernardo Élis**. p. 140. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de Goiás, 2004.
- NÓBREGA, Cristina. **Anticlericalismo no nordeste do Brasil entre 1862-1907 na literatura de cordel**. Artigo.
- PAZ, Octavio. **A outra voz**. São Paulo: Siciliano, 1993. 148p.
- ROIZ, Diogo da Silva. **A nova história cultural: questões e debates**. *Pensamento plural*, v. 2, 2008.

Rudy, Antonio Cleber, 1979- R836. **O anticlericalismo sob o manto da República : tensões sociais e cultura libertária no Brasil (1901-1935)** / Antonio Cleber Rudy. – Campinas, SP : [s.n.], 2017.

SILVA, Edivania Alexandre da. “**O mundo está às avessas**”: relações, tensões e enfrentamentos religiosos nos folhetos de Leandro Gomes de Barros–Recife (1900-1920). 2007.

SLATER, Candace. A vida no Barbante: **A literatura de cordel no Brasil**. Tradução de Octávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

TAVEIRA, Maria Helena Barbosa. **A Contribuição da Literatura de Cordel para a Construção da Imagem do Padre Cícero no Sertão Nordestino**. / Maria Helena Barbosa Taveira. Monografia (Graduação) - UFCG/CFP. Cajazeiras, 2014.

TERRA, Ruth Brito Lêmos. Memória de lutas: **literatura de folhetos do Nordeste (1893 a 1930)**. São Paulo: Global, 1983.

VIANNA, Arievaldo. **Uma biografia de Leandro Gomes de Barros (1865-1918), o “pai da literatura de cordel”**. 2014.

5. FONTES

BARROS, Leandro Gomes de. **Antônio Silvino: o rei dos cangaceiros**. Recife, 1927.

_____. **As saias Calções**. Recife, 1911.

_____. **A seca do Ceará**. Editor: Pedro Batista Guarabira, 1920.

_____. **A Batalha de Oliveiros com Ferrabraz**. Recife, 1897.

_____. **Casamento a prestação**. Recife, 1914.

_____. **História do Padre Jogador**. 2 ed. Recife, 1910.

_____. **História de João da Cruz**. Editora Prelúdio, São Paulo, 1957.

_____. **O Cometa**. Recife, 1910.

_____. **O gallo misterioso marido da galinha de dente**. Recife, 1917-18.

_____. **O povo na cruz.** Recife, s.n, 1907, Cordel.

_____. **Padre nosso do imposto.** Recife, 1915.